

491 - Como Há de Ser

Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)

Música: Eduard Niemeyer

♩ = 90

D A (A7) D G A7

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - - da, Fin - daa pe - le - - ja da pai - xão mor -
2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - nha - - dos Dos raios da di - - vi - nae ex - cel - sa -
3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - toou - vin - - do O co - ro dos re - mi - dos do Se -
4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos: "Ben - di - tos, vin - - de, pa - raos céus en -
5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - ria Da tris - tein - dig - - na vi - da que fin -
6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - sa - - do, Por men - teou co - - ra - - ção hu - ma - noa -

D A (A7) D G A7

- tal, Quan - do, a - vis - tan - - doa - lém daes - cu - ra vi - - da A por - ta do pra - zer ce - les - ti -
luz, Oh, quea - le - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos, Es - tar - mos nós di - an - te de Je -
- nhor, As áu - reas har - - pas, sem - pre re - ti - nin - do Lou - vo - res ao Cor - dei - ro, ao Sal - va -
- trai!" Eo Sal - va - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos A gló - ria em que le - ha - bi - ta com o
- dou, Com lu - ci - dez sees - pe - lhe na me - mó - ria To - do pe - ca - doo mal queen - tão pas -
- qui, O bem - es - tar por Deus de - ter - mi - na - do Pa - raos queen - tra - - rem com tri - un - foa -

D A A7 D D

- al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - ei - - ra, Do ros - toem - xu - - to seu fi - nal su -
- sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - a Comos san - tos ci - - da - daos dos al - tos
- dor; E quan - do, den - tro deá - trios es - pa - ço - sos, En - toar - mos gra - - tos sal - mos, sem ces -
- Pai? A - - li, não tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da, Nem dor nem pran - toes - tor - vam o pra -
- sou, O nos - soa - pre - ço de Je - sus au - men - te, E da cle - mén - cia des - te Ben - fei -
- li! A - - van - te, ir - mãos! A - van - te no ca - mi - nho Que nos con - duz ao go - zo tão re -

A A7 D A (A7) D G Em D/A A7 D

- or, Dei - xar - mos es - - ta ce - na pas - sa - gei - ra, En - tran - doao san - to lar dee - ter - noa - mor?
- céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - nhia Que cer - cao tro - no do su - pre - mo Deus?
- sar, E, co - mo in - cen - so, os hi - nos fer - vo - ro - sos Su - bi - rem jun - to ao ce - les - teal - tar?
- zer. A vis - ta não seo - fus - ca, e em vol - ta na - da Po - dea di - to - sa fes - taem - tris - te - - cer?
- tor; E de con - tí - nuoa gra - ti - dão sea - len - te Por seu in - sig - nee mi - la - gro soa - mor?
- al! Sea - qui nós te - mos um qui - nhão mes - qui - nho. Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - vi - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,
Finda a peleja da paixão mortal,
Quando, avistando além da escura vida
A porta do prazer celestial,
Dos pés varrida a última poeira,
Do rosto enxuto seu final suor,
Deixarmos esta cena passageira,
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados
Dos raios da divina e excelsa luz,
Oh, que alegria! Isentos de pecados,
Estarmos nós diante de Jesus!
E pela vez primeira em harmonia
Com os santos cidadãos dos altos céus,
Unindo-nos, sem medo, à companhia
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo
O coro dos remidos do Senhor,
As áureas harpas, sempre retinindo
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;
E quando, dentro de átrios espaçosos,
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,
E, como incenso, os hinos fervorosos
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:
"Benditos, vinde, para os céus entrarei!"
E o Salvador dignar-se revelar-nos
A glória em que ele habita com o Pai?
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.
A vista não se ofusca, e em volta nada
Pode a ditosa festa entristecer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história
Da triste e indigna vida que findou,
Com lucidez se espelhe na memória
Todo pecado ou mal que então passou,
O nosso apreço de Jesus aumente,
E da clemência deste Benfeitor;
E de contínuo a gratidão se alente
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,
Por mente ou coração humano aqui,
O bem-estar por Deus determinado
Para os que entrarem com triunfo ali!
Avante, irmãos! Avante no caminho
Que nos conduz ao gozo tão real!
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.
Marchamos para a glória divinal.

491 - Como Há de Ser
Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)
Música: Eduard Niemeyer

$\text{♩} = 90$

C G (G7) C F G7

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - - da, Fin - daa pe - - le - - ja da pai - xão mor -
2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - - nha - - dos Dos raios da di - - vi - nae ex - cel - sa
3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - toou - vin - - do O co - ro dos re - mi - dos do Se -
4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos: "Ben - di - tos, vin - - de, pa - raos céus en -
5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - - ria Da tris - tein - dig - - na vi - da que fin -
6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - - sa - - do, Por men - teou co - - ra - - ção hu - ma - noa -

C G (G7) C F G7

-tal, Quan - do, a - vis - tan - - doa - lém daes - cu - ra vi - - da A por - ta do pra - zer ce - les - ti -
luz, Oh, quea - le - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos, Es - tar - mos nós di - an - te de Je -
-nhor, As áu - reas har - - pas, sem - pre re - ti - - nin - do Lou - vo - res ao Cor - dei - ro, ao Sal - va -
-trai!" Eo Sal - va - - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos A gló - riaem quee - leha - bi - ta com o
-dou, Com lu - ci - - dez sees - pe - lhe na me - mó - ria To - do pe - - ca - - doou mal queen - tão pas -
-qui, O bem - es - - tar por Deus de - ter - mi - na - - do Pa - raos queen - tra - - rem com tri - un - foa -

C G G7 C C

-al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - - ei - - ra, Do ros - toen - xu - - to seu fi - nal su -
-sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - - a Comos san - tos ci - - da - - dãos dos al - tos
-dor; E quan - do, den - tro deá - trios es - pa - - ço - - sos, En - toar - mos gra - - tos sal - mos, sem ces -
Pai? A - - li, não tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da, Nem dor nem pran - toes - tor - vam o pra -
-sou, O nos - soa - pre - ço de Je - sus au - men - te, E da cle - mên - - cia des - te Ben - fei -
-li! A - - van - te, ir - mãos! A - van - te no ca - - mi - nho Que nos con - duz ao go - zo tão re -

G G7 C G (G7) C F Dm C/G G7 C

-or, Dei - xar - mos es - - ta ce - na pas - sa - gei - ra, En - tran - doao san - to lar dee - ter - noa - - mor?
céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - nhia Que cer - cao tro - no do su - pre - mo Deus?
-sar, E, co - moin - cen - so, os hi - nos fer - vo - ro - sos Su - bi - rem jun - to ao ce - les - teal - - tar?
-zer, A vis - ta não seo - fus - ca, eem vol - ta na - da Po - dea di - - to - sa fes - taen - tris - te - - cer?
-tor; E de con - tí - nuoa gra - ti - dão sea - len - te Por seu in - sig - nee mi - la - gro - soa - - mor?
-al! Sea - qui nós te - mos um qui - nhão mes - qui - nho. Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - vi - - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,
Finda a peleja da paixão mortal,
Quando, avistando além da escura vida
A porta do prazer celestial,
Dos pés varrida a última poeira,
Do rosto enxuto seu final suor,
Deixarmos esta cena passageira,
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados
Dos raios da divina e excelsa luz,
Oh, que alegria! Isentos de pecados,
Estarmos nós diante de Jesus!
E pela vez primeira em harmonia
Com os santos cidadãos dos altos céus,
Unindo-nos, sem medo, à companhia
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo
O coro dos remidos do Senhor,
As áureas harpas, sempre retinindo
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;
E quando, dentro de átrios espaçosos,
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,
E, como incenso, os hinos fervorosos
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:
"Benditos, vinde, para os céus entrarei!"
E o Salvador dignar-se revelar-nos
A glória em que ele habita com o Pai?
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.
A vista não se ofusca, e em volta nada
Pode a ditosa festa entristecer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história
Da triste e indigna vida que findou,
Com lucidez se espelhe na memória
Todo pecado ou mal que então passou,
O nosso apreço de Jesus aumente,
E da clemência deste Benfeitor;
E de contínuo a gratidão se alente
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,
Por mente ou coração humano aqui,
O bem-estar por Deus determinado
Para os que entrarem com triunfo ali!
Avante, irmãos! Avante no caminho
Que nos conduz ao gozo tão real!
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.
Marchamos para a glória divinal.

491 - Como Há de Ser

Letra: Sarah Poulton Kalley (1825-1907)

Música: Eduard Niemeyer

♩ = 90

1. Co - mohá de ser, con - clu - saa lon - ga li - - da, Fin - daa pe - le - - ja da pai - xão mor -
 2. Co - mohá de ser, nos céus por Deus ba - nha - - dos Dos raios da di - vi - nae ex - cel - sa
 3. Co - mohá de ser, com sen - ti - men - toou - vin - - do O co - ro dos re - mi - dos do Se -
 4. Co - mohá de ser, quan - doo Ju - iz cha - mar - nos: "Ben - di - tos, vin - de, pa - raos céus en -
 5. Co - mohá de ser, quan - doa pas - mo - sahis - tó - - ria Da tris - tein - dig - na vi - da que fin -
 6. Co - mohá de ser? Oh, nun - ca foi pen - sa - do, Por men - teou co - ra - ção hu - ma - noa -

- tal, Quan - do, a - vis - tan - - doa - lém daes - cu - ra vi - - da A por - ta do pra - zer ce - les - ti -
 luz, Oh, quea - le - - gria! I - sen - tos de pe - ca - dos, Es - tar - mos nós di - an - te de Je -
 - nhor, As áu - reas har - - pas, sem - pre re - ti - nin - do Lou - vo - res ao Cor - dei - ro, ao Sal - va -
 - trai!" Eo Sal - va - dor dig - nar - se re - ve - lar - nos A gló - ria em quee - leha - bi - ta com o
 - dou, Com lu - ci - dez sees - pe - lhe na me - mó - ria To - do pe - ca - doo mal queen - tão pas -
 - qui, O bem - es - tar por Deus de - ter - mi - na - do Pa - raos queen - tra - rem com tri - un - foa -

- al, Dos pés var - ri - daa úl - ti - ma po - ei - - ra, Do ros - toen - xu - - to seu fi - nal su -
 - sus! E pe - la vez pri - mei - raem har - mo - ni - - a Comos san - tos ci - - da - dãos dos al - tos
 - dor, E quan - do, den - tro deá - trios es - pa - ço - sos, En - toar - mos gra - tos sal - mos, sem ces -
 Pai? A - - li, não tem, ja - mais, a mor - teen - tra - da, Nem dor nem pran - toes - tor - vam o pra -
 - sou, O nos - soa - pre - ço de Je - sus au - men - te, E da cle - mên - cia des - te Ben - fei -
 - li! A - - van - te, ir - mãos! A - van - te no ca - mi - nho Que nos con - duz ao go - zo tão re -

- or, Dei - xar - mos es - - ta ce - na pas - sa - gei - ra, En - tran - doao san - to lar dee - ter - noa - mor?
 céus, U - nin - do - nos, sem me - do, à com - pa - nhia Que cer - cao tro - no do su - pre - mo Deus?
 - sar, E, co - moin - cen - so, os hi - nos fer - vo - ro - sos Su - bi - rem jun - to ao ce - les - teal - tar?
 - zer, A vis - ta não seo - fus - ca, eem vol - ta na - da Po - dea di - to - sa fes - taen - tris - te - cer?
 - tor, E de con - tí - nuoa gra - ti - dão sea - len - te Por seu in - sig - nee mi - la - gro - soa - mor?
 - al! Sea - qui nós te - mos um qui - nhão mes - qui - nho. Mar - cha - mos pa - raa gló - ria di - vi - - nal.

1. Como há de ser, conclusa a longa lida,
Finda a peleja da paixão mortal,
Quando, avistando além da escura vida
A porta do prazer celestial,
Dos pés varrida a última poeira,
Do rosto enxuto seu final suor,
Deixarmos esta cena passageira,
Entrando ao santo lar de eterno amor?

2. Como há de ser, nos céus por Deus banhados
Dos raios da divina e excelsa luz,
Oh, que alegria! Isentos de pecados,
Estarmos nós diante de Jesus!
E pela vez primeira em harmonia
Com os santos cidadãos dos altos céus,
Unindo-nos, sem medo, à companhia
Que cerca o trono do supremo Deus?

3. Como há de ser, com sentimento ouvindo
O coro dos remidos do Senhor,
As áureas harpas, sempre retinindo
Louvores ao Cordeiro, ao Salvador;
E quando, dentro de átrios espaçosos,
Entoarmos gratos salmos, sem cessar,
E, como incenso, os hinos fervorosos
Subirem junto ao celeste altar?

4. Como há de ser, quando o Juiz chamar-nos:
"Benditos, vinde, para os céus entrai!"
E o Salvador dignar-se revelar-nos
A glória em que ele habita com o Pai?
Ali, não tem, jamais, a morte entrada,
Nem dor nem pranto estorvam o prazer.
A vista não se ofusca, e em volta nada
Pode a ditosa festa entristecer?

5. Como há de ser, quando a pasmosa história
Da triste e indigna vida que findou,
Com lucidez se espelhe na memória
Todo pecado ou mal que então passou,
O nosso apreço de Jesus aumente,
E da clemência deste Benfeitor;
E de contínuo a gratidão se alente
Por seu insigne e milagroso amor?

6. Como há de ser? Oh, nunca foi pensado,
Por mente ou coração humano aqui,
O bem-estar por Deus determinado
Para os que entrarem com triunfo ali!
Avante, irmãos! Avante no caminho
Que nos conduz ao gozo tão real!
Se aqui nós temos um quinhão mesquinho.
Marchamos para a glória divinal.